

O dom da infância: Memórias de um garoto africano

Baba Wagué Diakité

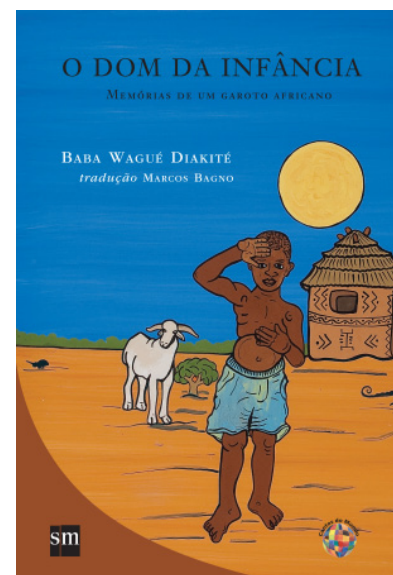
Ilustrações do autor

Tradução Marcos Bagno

Faixa etária a partir de 12 anos

144 páginas

TEMAS África Ocidental / Memória /
Contaçõ de histórias / Tradiçõ e costumes



O AUTOR Baba Wagué Diakité nasceu em Bamako, Mali, África Ocidental. Cresceu na aldeia, cuidando do gado, brincando nos campos e observando a natureza. Pintor, ceramista, escritor e contador de histórias, é autor e ilustrador de vários livros premiados sobre temas africanos.

É também fundador e diretor do Centro Cultural Ko-Falen, em Bamako, organização que promove intercâmbios culturais, artísticos e educacionais entre os Estados Unidos e o Mali. Seu livro *The hunterman and the crocodile* (O caçador e o crocodilo) ganhou o prêmio Coretta Scott King Honor Book em 1998. Casado com a artista plástica Ronna Neuenschwander, com quem tem duas filhas, divide seu tempo entre Portland, no Estado norte-americano de Oregon, e Bamako.

Mais informações sobre o autor e sua obra podem ser encontradas em: <http://kofalen.org> e <http://babawague.wordpress.com/about>

O dom da infância é a autobiografia do artista africano Baba Wagué Diakité. Escrito em primeira pessoa, narra sua infância e primeira juventude, desde a mudança para a aldeia de Kassaro, no interior do Mali, passando pela volta à casa materna, na capital Bamako, até sua ida aos Estados Unidos para morar com a futura mulher.

O livro inicia-se com uma espécie de prólogo, cuja primeira parte é narrada em terceira pessoa e mostra, por meio de pequena anedota, a força e sabedoria de vovó Sabou. A segunda parte dessa introdução, já em primeira pessoa, assinala os principais temas da narrativa: a importância das origens familiares e do modo de vida ancestral; as transformações que a colonização francesa provocou na África Ocidental; e, sobretudo, a cultura oral e a função pedagógica dos relatos. O “dom de contar histórias” (p. 9) é o “dom da infância” (que dá título ao livro), cultivado e transmitido de geração a geração.

A própria estrutura narrativa da obra revela quanto os anos da infância foram fundamentais na formação do autor: dos vinte capítulos, quinze se passam em Kassaro, tendo como figura central vovó Sabou, avó paterna de Diakité. Os capítulos finais, por sua vez, abordam de maneiras diferentes a volta do autor à aldeia familiar: por exemplo, em “Rumo ao

Ocidente”, ele compara a vida na cidadezinha natal de Ronna, sua mulher, no Estado de Kansas, Estados Unidos, com a que levou em Kassaro e, no capítulo final, “Uma última lembrança”, evoca a visita que fez com ela à aldeia no Mali, reafirmando a centralidade da avó, dos laços familiares e da tradição em sua formação.

O APRENDIZADO DA ALDEIA E A ESCOLA

Quando Baba tem dez anos, é anunciada a construção de salas de aula na aldeia. A escola não vingará, mas desperta o interesse do menino, que pergunta à avó quando poderá frequentá-la. A resposta é bastante significativa: “Você vai quando estiver instruído”. O conhecimento, do ponto de vista da cultura da aldeia, não está na escola, mas “por toda parte a seu redor”, conforme explica vovó Sabou (p. 40).

Há uma diferença, portanto, entre o saber tradicional e o aprendizado escolar. O primeiro é feito na aldeia, sob a tutela dos mais velhos, e envolve todos os aspectos da vida: das relações familiares ao respeito pela natureza. Em Kassaro, Baba aprende boas maneiras, como conseguir comida, cuidar do gado, cozinhar, plantar, usar ervas medicinais. Lá também descobre os rituais e, principalmente, a importância da reverência pelos mais velhos e pela tradição, por intermédio dos historiadores orais e contadores de histórias.

Na escola da cidade, ele aprenderá sobretudo a ler e escrever em francês, língua do colonizador. A alfabetização representa uma importante conquista para o menino, como entende sua mãe; só assim o filho terá acesso a outras oportunidades além da aldeia, podendo escolher que caminho tomar na vida. No entanto, a desconfiança de vovó Sabou em relação à escola tem justamente que ver com a presença do colonizador e seu modo de impor a cultura europeia, menosprezando os saberes e as tradições locais. Os avós de Diakité foram bastante afetados pela colonização, porque a viveram mais de perto e presenciaram seus efeitos, como a desorganização e separação de famílias inteiras e a perda de elementos ancestrais da cultura local. Para vovó Sabou, a escola “estraga as crianças e as faz esquecer suas raízes” (p. 71). Ela só permitirá que Baba parta quando julgar



que completou sua educação “de aldeia”, estando preparado para enfrentar o mundo sem perder sua cultura de raiz. A despedida dos dois, no capítulo “A cidade”, é comovente: a avó o abençoa e embrulha seus poucos pertences em um lenço que ela usara na juventude, simbolizando a bagagem afetiva e cultural que o neto levará consigo.

Na capital Bamako, Baba confronta-se com a corrupção do sistema escolar, o que contrasta com a instrução mais livre e íntegra da aldeia. Além disso, os modos dos habitantes da cidade são diferentes da cultura de Kassaro. Lá, as crianças deviam percorrer o *compound* duas vezes ao dia, cumprimentando os parentes de mais idade. Na hora das refeições, todos comiam juntos e em silêncio, demonstrando respeito e gratidão pelos alimentos, experimentando “intimidade, aceitação, harmonia e tolerância” (p. 12). A elegância dos moradores de Kassaro pode ser vista na maneira como o tio de Diakitê aborda uma mulher da cidade: “Quando nos aproximamos, tio Sumaila, com sua gentileza de aldeão, ajoelhou-se perto dela e a cumprimentou” (p. 104). Baba sentirá a diferença na pele ao ser agredido pelos garotos vizinhos, que o ridicularizam por auxiliar a mãe na cozinha.

Entretanto, mesmo na cidade, indo à escola e trabalhando, Diakitê mantém as tradições da aldeia, ajudando a mãe e atuando como contador de histórias. Mais tarde, quando vai morar nos Estados Unidos, os parentes temem que ele se apegue ao mundo do materialismo e do consumo (criticado pelo próprio autor no início do capítulo “Rumo ao Ocidente”). Um de seus tios faz um alerta: “Uma vez no Ocidente, a pessoa pode se apegar facilmente às coisas. Isso a leva a se importar menos com os outros” (p. 118). O temor do tio tem que ver com a história de outros parentes que se “perderam” no mundo e com o legado cultural da colonização: os filmes de faroeste, “nos quais os homens lutavam até o último suspiro por uma moeda de ouro reluzente”; as mercadorias que invadiram o Mali e tornaram-se objetos cobiçados, suplantando outros valores.

Todavia, como previu mamãe Penda, o filho não se deixa levar pela ambição. De acordo com o desejo de vovó Sabou, a formação do neto foi completa; ele jamais se esquecerá das origens, guiando-se sempre pelos valores familiares, como mostram sua autobiografia e sua atividade profissional. Baba Diakitê viria ainda a fundar o Centro Cultural Ko-Falen, em Bamako, para promover o intercâmbio cultural entre o Mali e os Estados Unidos, dividindo seu tempo entre os dois países.

A CULTURA ORAL

A arte de narrar

É interessante lembrar aqui o estudo do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) sobre a arte de narrar, intitulado “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. Ao analisar a obra do escritor russo Leskov (1831-1895), Benjamin mostra como a capacidade de contar histórias e compartilhar experiências está originalmente associada a dois estilos de vida diversos, representados por tipos arcaicos: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. O primeiro esteve em muitos lugares e viveu diversas experiências; tradicionalmente, é alguém que tem muitas histórias para contar. O segundo nunca saiu de sua terra, por isso mesmo conhece profundamente as histórias e tradições de sua aldeia, de seu país. Esse é tipo encarnado na família de lavradores de Diakitê, que preserva uma organização social ancestral e comunitária na aldeia, onde floresce a arte de narrar. A atuação de Diakitê como narrador em Bamako já é um deslocamento em relação a essa situação original: ele procura manter viva uma tradição que é muito próxima de todos ali, mas que tende a ser suplantada por meios de comunicação como jornal e televisão e pelo modo de vida mais ocidentalizado da cidade.

No capítulo “História de família”, Diakitê explica a diferença, no Mali, entre historiadores orais e contadores de histórias no que diz respeito à **arte de narrar**. Os primeiros pertencem a uma classe especial de contadores chamados bardos, *djeliw*. De início, esse papel era exercido por assessores e porta-vozes dos reis africanos, os quais eram considerados verdadeiras bibliotecas do reino. Ainda hoje os *djeliw* desempenham importante função social no país, praticando “os antigos costumes de seus antepassados em casamentos, cerimônias de batismo e outras celebrações” (p. 82). Como outros ofícios na cultura do Mali, o do historiador oral é hereditário. Daí o cuidado da avó de Baba ao contar a história da família, já que ela não era uma *djeliw*, e sim uma contadora de histórias. Da mesma forma que os provérbios, as lendas folclóricas divertem e ensinam “o respeito por nós mesmos, pelos outros e pelas relações entre ser humano e natureza. As lendas também são passadas de geração a geração, mas podem ser contadas por qualquer um, sem distinção de etnia ou categoria social” (p. 82-3). Ainda que o lugar do contador de histórias pareça mais livre que o do historiador oral, a organização do clã familiar pode propiciar o desenvolvimento da atividade, como assinala o próprio autor: “Como éramos uma grande família de lavradores, narrar lendas era importante para nós” (p. 83).

Seguindo a tradição familiar, Diakitê coloca provérbios e lendas no centro da estrutura narrativa do livro. A autobiografia incorpora, na própria forma, a herança cultural do autor. Algumas histórias aparecem em itálico, como a de vovô Samba (“Vovô Samba”), a do ferreiro que venceu a morte (“Vovó, a contadora de histórias”) ou a do agricultor que enganou o gênio (“Mamãe Penda”); aqui, é como se Diakitê as reproduzisse tal como as ouviu de seus familiares. No entanto, outras narrativas são concebidas pelo próprio autor, entre elas a da cobra que anuncia a chegada de sua mãe (“Vigia do celeiro”), a do ferreiro de Kassaro (“O *chibow*”) e a do ataque das abelhas-africanas (“Jaygui”). Todas entretêm e têm algo a ensinar. No capítulo “Noite”, há até uma história sobre o momento de contar histórias, levando-nos a saborear a expectativa das crianças pelo momento mágico e aventureiro das narrativas, que é, ao mesmo tempo, uma oportunidade de aprendizado e reflexão. À espera da avó,

elas se divertem recontando relatos ouvidos dos mais velhos, seguindo assim a tradição.

Reafirmando o valor pedagógico das histórias, o livro também está repleto de provérbios, desde a epígrafe e a introdução, nas quais o autor evoca os historiadores orais do Mali para assinalar a importância das origens, até o final, em que cita um provérbio norte-americano: “Sempre acreditei que a solução para todos os nossos problemas reside dentro de nós mesmos. É como no ditado americano: ‘*What goes around, comes around*’ – ‘Aqui se faz, aqui se paga’” (p. 51). Com isso, Diakité mostra a força de sua visão de mundo: o que ele mais aproveita da cultura norte-americana não são o consumismo ou o individualismo, como temiam alguns, mas aquilo que de algum modo se comunica com a própria cultura dele.

O MALI



O HOMEM E A NATUREZA

Em Kassaro predomina o tempo cíclico da natureza: a idade das pessoas é marcada pelo número de estações chuvosas que viveu. Quando vai morar na aldeia, Diakité tem apenas “quatro estações chuvosas de vida” (p. 8). As chuvas são de fato um grande acontecimento na comunidade, como se vê no capítulo “Estação chuvosa”. Essa é a época de preparar a terra para o plantio: arroz, painço, inhame, quiabo, amendoim. A maioria dos homens e das crianças mais crescidas passa o dia nos campos participando do *chibow*, trabalho coletivo na lavoura. Os grãos servem à subsistência, mas também são comercializados no mercado, que ocorre em dias especiais e parece uma festa para as crianças. Além de dedicar-se à agricultura, os aldeões criam gado e pescam. Em *O dom da infância*, a relação harmônica do homem com a natureza é representada, ainda, pelas mangueiras. Elas não são árvores nativas; cada aldeão planta a sua e a batiza com seu nome, simbolizando o enraizamento de cada um na terra e na memória familiar.

O animismo é outra característica da cultura ancestral: acredita-se que animais, plantas e outros elementos naturais tenham alma. No capítulo “Vovô Samba”, o autor relata como os avós preservavam a vida dos lagartos, primeiros habitantes daquela terra. Além de serem úteis por comer insetos, esses répteis encarnavam espíritos antigos. Da mesma forma, a imponente figueira

era uma das “árvores simbólicas”, sagradas para os aldeões. Por viver muito, ela seria um meio para conectar o presente com as gerações antigas, guardando os espíritos dos familiares mortos, enterrados próximos a suas raízes. Já os pássaros que habitavam a árvore e alimentavam-se de seus frutos seriam portadores de mensagens ocultas, decifradas apenas por pessoas com “talentos especiais”. O canto deles assinalaria boa ou má sorte e também preveria tempestades e outros eventos. Quando Garantigui, prima de Diakité, morre, é enterrada na figueira. O autor elabora a morte da garota ouvindo a explicação de vovó Sabou sobre os espíritos familiares reencarnados nos elementos naturais: “Comecei a entender por que ela sempre protestava quando alguém matava pequenas criaturas do *compound*, já que poderiam muito bem ser nossos ancestrais” (p. 35). Em outro momento do livro, mamãe Penda explicará a ele o poder divinatório dos caçadores, que sabem quais bichos podem ou não matar, quais plantas podem ou não arrancar. O respeito pela natureza encontra assim sua justificação no sistema de crenças dos aldeões.

OFÍCIOS E FUNÇÕES SOCIAIS

Nas aldeias africanas, todos têm deveres e funções bem definidos, organizando-se em castas de acordo com o ofício: caçadores, ferreiros, guerreiros. As atividades são passadas de pai para filho. A transição nesse sistema hereditário de castas não é comum, mas pode ocorrer, como mostra a história do ferreiro Numukeba (“O *chibow*”). Oriundo de uma família de agricultores de outra aldeia, ele passou a exercer a função de ferreiro por escolha própria, buscando nova oportunidade de trabalho em Kassaro. Apesar de excelente profissional, sofre o descrédito de uma importante cliente, momento no qual os preconceitos vêm à tona: ele não descende de ferreiros, sendo apenas um estrangeiro na aldeia. Numukeba, porém, resolve lutar pela autonomia, entoando um canto: “A tradição não faz bem a todo mundo. Qualquer um pode aprendê-la e se afastar dela” (p. 79). No final, sua defesa da liberdade e seu trabalho primoroso o “absolvem” e o consagram entre os aldeões, mostrando como a dignidade pessoal pode operar deslocamentos, mesmo em uma cultura conservadora.

RITOS DE PASSAGEM

Como em muitas culturas tradicionais, a vida nas aldeias do Mali é marcada por **ritos de passagem**, festas e cerimônias. O trabalho na terra, fundamental para a subsistência da

Ritos de passagem

Os ritos de passagem estão presentes tanto em sociedades tradicionais como modernas, marcando a transição de um indivíduo de determinado status social ou religioso para outro. O termo foi cunhado pelo antropólogo francês Arnold van Gennep (1873-1957), que descreveu e estudou o modo como esses eventos de transição são ritualizados e celebrados em diferentes culturas. ▶

Rituais culturais como festas de casamento e formatura escolar são ritos de passagem, assim como as cerimônias que marcam a iniciação na vida adulta nas aldeias do Mali. No entanto, são os ritos tradicionais que parecem estar mais fortemente relacionados ao ciclo biológico da vida, marcando de modo significativo suas sucessivas etapas: nascimento, maturidade, reprodução e morte. Em geral eles envolvem atividades e ensinamentos, cujo objetivo é despir o sujeito de seu papel anterior, preparando-o para um novo papel.

De acordo com Gennep, os ritos de passagem de diferentes sociedades têm como denominador comum uma estrutura de três fases: a separação do indivíduo de sua vida social normal; o momento ambíguo de transição ou liminaridade, em que a pessoa não tem mais seu status anterior, mas tampouco assumiu seu novo lugar na sociedade; e, finalmente, sua reagregação ou reintegração à sociedade, agora com uma nova posição. Esse novo status surge como um renascimento simbólico do indivíduo, que só é possível após a vivência profunda do momento de passagem.

Uma prática controversa

Tradicionalmente, no Mali, as mulheres também devem passar por um ritual na adolescência. No caso delas, é feita a mutilação genital, com a amputação do clitóris, visando assegurar sua “pureza” e respeitabilidade. Na maioria das vezes realizado sem qualquer cuidado médico, o procedimento traz graves consequências para a saúde e tem como principal objetivo o controle da libido. Por isso, é fortemente condenado pela Organização Mundial da Saúde e considerado pelo mundo ocidental uma ofensa aos direitos humanos.

A controversa prática – executada em meninas cada vez mais novas, às vezes ainda bebês, e despida dos outros elementos rituais tradicionais, como cantos e festas – ainda é muito difundida não apenas no Mali, como em diversos outros países da África e do Oriente Médio e em comunidades de imigrantes na Europa, nos Estados Unidos e na Ásia.

comunidade, é celebrado tanto no momento da colheita, com seus festivais, como durante o exaustivo plantio, o *chibow*, sempre acompanhado da música de tambores e balafons (p. 80). Os rituais fúnebres, por sua vez, são descritos no episódio da morte de Garantigui (p. 33) e no do europeu que sumiu no bosque sagrado (p. 97). Contudo, o exemplo mais aprofundado de celebração aparece no capítulo “Lavando as mãos”, que assinala a transição da infância para a vida adulta e a mudança de status social dos jovens homens por meio do ritual da circuncisão, vivido por Diakité. A circuncisão ocorrerá no posto de saúde local, a um quilômetro da aldeia, onde cartazes anunciam a importância da vacinação – aqui se vê como um recurso moderno é incorporado à tradição local. Mas a festa começa muito antes desse momento simbólico, com preparativos para um grande banquete, e o ritual vai muito além dele, durando diversos dias. No processo, os meninos são guiados pelo *zayma*, supervisor que cuida deles em sua recuperação física e ensina-lhes canções relacionadas ao ritual. Embora o livro não aborde o tema, as jovens malinesas também passam por um ritual na adolescência, **prática bastante controversa** do ponto de vista da saúde e dos direitos humanos.

A CIDADE

Chegando a Bamako, Baba e seu tio Sumaila são recebidos por um enxame de “homens desocupados” que tentam agarrar a mala das pessoas para ganhar algum dinheiro como carregadores. O garoto espanta-se com a multidão ruidosa e com os efeitos do desemprego, que leva tanta gente a tentar a sorte na capital. A agitação de Bamako é bem diferente do sossego de Kassaro, onde cada morador tem uma função bem definida na comunidade (“as pessoas sabem para onde estão indo”, p. 102) e tudo ocorre de acordo com um plano mais ou menos previsível – os ciclos da natureza, os ritos de passagem.

Apesar de a maior parte da população malinesa viver ainda na zona rural, Bamako é a região mais populosa do país, com mais de 1 milhão de habitantes. O desemprego é um dos desafios que o Mali, uma das nações mais pobres do mundo, tem de enfrentar. Outro grande problema, também mencionado por Diakité, é a mortalidade infantil. A morte de Garantigui é seguida por diversas outras perdas e liga-se ainda a um fato histórico: a seca que assolou a África Ocidental na década de 1970. A despeito de a clínica médica chegar às zonas rurais e aldeias,

Os homens azuis do Saara

Os tuaregues constituem um dos grupos nômades existentes no Saara, conhecidos como “homens azuis”, por causa do véu azul-índigo que usam para proteger-se do sol escaldante e das rajadas de vento do deserto. O grupo teve papel fundamental no desenvolvimento do comércio transaariano.

Com mais de 1,5 milhão de pessoas, a população – formada de comerciantes, pastores e agricultores – concentra-se, em sua maioria, na imensa área do norte da África, que abrange Mali, Níger, Argélia, Líbia e Burkina Faso. Ainda que sigam o islamismo, os tuaregues preservam algumas crenças animistas ligadas a entidades do deserto, como pedras e fogo.

como se vê no livro, e de muitas crianças serem vacinadas, o atendimento não cobre grande parte da população. Ainda hoje, as taxas de mortalidade infantil do Mali estão entre as mais altas do mundo. O país enfrenta uma série de problemas de saúde pública em decorrência da pobreza, da desnutrição e da falta de saneamento básico.

RELIGIÃO

O livro mostra como as crenças animistas tradicionais suplantam a influência da religião islâmica na comunidade da aldeia. A maioria dos malineses, entretanto, segue o Islã, que chegou à África Ocidental por volta do século XI e moldou-se ao longo do tempo à situação local, assumindo uma forma moderada e tolerante. A convivência pacífica com as outras crenças do Mali durou até recentemente.

No início de 2012, o país viu-se assolado pela guerra civil. O Movimento Nacional pela Libertação de Azawad, grupo berbere da **etnia tuaregue**, com orientação islâmica secular, intensificou os combates contra o exército do Mali pela criação de seu Estado nacional na região de Azawad, norte do país. Muitos combatentes tuaregues regressaram da Líbia, onde lutaram ao lado de rebeldes contra o governo de Muamar Kadafi (1942-2011), afinal deposto em outubro de 2011. Trouxeram consigo armas e munição. Criticado pela forma como lidara com a crise, o presidente do Mali, Amadou Toumani Touré, foi deposto por um golpe de Estado em março de 2012. A frágil situação política criou um ambiente favorável a avanços da guerrilha tuaregue, que tomou o controle de várias cidades, como a histórica Timbuktu.

Reagindo ao avanço dos tuaregues e de outros grupos islâmicos radicais no Mali, o governo francês lançou, no início de 2013, uma operação militar com o objetivo de recuperar os territórios tomados pelos rebeldes. Em junho, a guerrilha tuaregue assinou um tratado de paz com o governo provisório. Por sua vez, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou, em abril de 2013, a criação da Missão das Nações Unidas para o Mali, estabelecida em julho desse mesmo ano. A tarefa das tropas da ONU era criar condições para a chegada de ajuda humanitária ao país, proteger a população civil e bens culturais e, sobretudo, apoiar o processo político no Mali, em conjunto com a União Africana e a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental.

Em agosto de 2013 foi finalmente eleito o novo presidente do Mali, Ibrahim Boubacar Keita. Um de seus desafios imediatos era combater a corrupção generalizada que atingia as estruturas de poder do país havia décadas. Além disso, embora o presidente francês, François Hollande, tenha declarado vitória no Mali sobre os extremistas islâmicos, a batalha entre os rebeldes jihadistas e as forças de paz da ONU, o exército francês e o exército do Mali continuou. Em outubro de 2013, dois soldados da ONU foram mortos em um atentado suicida a bomba, levado a cabo por membros da Al Qaeda. A mesma organização terrorista assumiria a autoria do assassinato de dois jornalistas franceses, no início de novembro, como retaliação pela operação militar francesa no Mali.

Esse quadro de guerra e instabilidade tem afetado duramente a população local. Além dos conflitos entre rebeldes e exército, há ainda disputas entre muçulmanos radicais e moderados. A situação, iniciada com a guerra civil de 2012, expõe diversas fraturas que afligem o Mali e a região, evocando disputas que dizem respeito ao colonialismo europeu, à expansão islâmica e árabe no Norte da África e às resistências de etnias locais. Claramente, mostra que as diversas soluções que se procuraram impor na região – entre elas, a criação de Estados nacionais durante o período da descolonização – estão longe de corresponder às complexidades sociais, étnicas e políticas que continuam a se expressar no continente africano.

Para saber mais

Para o aluno:

- BADOE, Adwoa. *Histórias de Ananse*. Ilustrações: Baba Wagué Daikité. São Paulo: Edições SM, 2006. Diversas narrativas que a autora, uma contadora de histórias, ouviu durante a infância e juventude em Gana.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *ABC do continente africano*. São Paulo: Edições SM, 2007. As diversas faces do continente africano, em verbetes sobre cidades, vilarejos, líderes, mitos etc.
- CUNHA, Carolina. *ABC afro-brasileiro*. São Paulo: Edições SM, 2009. A herança das nações africanas na culinária, música, religiosidade e outros aspectos da cultura brasileira.
- EISNER, Will. *Sundiata, o leão do Mali – Uma lenda africana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Quadrinhos. História tradicional sobre a formação do Mali, transmitida oralmente desde o século XIII. ▶

NA SALA DE AULA

Os principais temas do livro são a relação com a tradição e os laços familiares. Isso pode inspirar os estudantes a refletir sobre as próprias origens. Ainda que hoje os núcleos familiares sejam, em boa parte, pequenos e fragmentados, cada um cultua hábitos e rituais a seu modo. Para tanto, uma atividade interessante é propor aos alunos que, individualmente, elenquem os principais costumes e tradições de sua família e elaborem uma redação com esses elementos, explorando também as diferenças entre a própria experiência e a do protagonista do livro. Como complemento à atividade, eles podem entrevistar um membro mais velho da família sobre as origens familiares. Finalmente, cada um elabora sua árvore genealógica. O conjunto delas pode dar origem a um painel, a ser exposto na escola.

• KOUROUMA, Ahmadou. *Homens da África*. São Paulo: Edições SM, 2009. Informativo. As diferentes profissões e os ofícios nas aldeias africanas, bem como o lugar social de cada um deles.

Para o professor:

• BÂ HAMPÂTÉ, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003. Relato autobiográfico de destacado etnólogo, pensador e narrador malinês, que ressalta a importância da cultura oral.

• HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2005. As complexidades e contradições do continente africano.

• SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*. São Paulo, Ática, 2006. História e culturas do continente africano e seu legado no Brasil.



A arte de narrar, exercida por Diakité, sua avó e outros personagens de sua autobiografia, é o mote para uma atividade sobre “contação de histórias”, procurando resgatar a cultura oral no Brasil por meio de uma pesquisa em grupo. Os “causos” relatados por contadores, sobretudo no interior do país, e as lendas indígenas, contadas e recontadas de diversas formas (até mesmo por escrito), mantêm viva essa tradição. Cada grupo de alunos fica encarregado de (1) mapear contadores, lendas e narrativas em determinada região do Brasil e (2) recolher provérbios e ditados populares. A etapa seguinte é explorar as intersecções entre cultura popular oral e erudita na literatura, música, cinema, fotografia e artes em geral. Guimarães Rosa, por exemplo, bebeu na fonte dos contadores de histórias mineiros. Essa pesquisa sobre cultura oral no Brasil pode resultar em um mural, em que cada grupo de alunos apresenta os principais provérbios, lendas ou “causos” brasileiros.

Baba Wagué Diakité é, antes de tudo, um artista plástico. As ilustrações presentes em sua autobiografia, originalmente pintadas em azulejos, constituem outro modo de contar a história de sua família, de sua aldeia, de seu país. As imagens dão forma ao conteúdo mítico de muitas histórias, como a árvore habitada pelos espíritos ancestrais (p. 23) e o gênio ludibriado pelo agricultor (p. 69). Também reproduzem com vivacidade o cotidiano de Kassaro – por exemplo, vovó Sabou contando histórias (p. 37) e o pastoreio do gado (p. 90). Além disso, por meio das ilustrações visualizam-se rituais e instrumentos, como a “lavagem das mãos”, com os meninos carregando seus chocalhos de cabaça ao fundo (p. 57), e o *chibow*, acompanhado pelo tambor e o balafo (p. 81). Depois de explorar mais de perto as ilustrações, uma ideia interessante é propor uma atividade em conjunto com a disciplina de Artes em que cada aluno desenha uma cena representativa de um momento significativo da vida. O desenho servirá de ensaio para uma pintura em azulejo, inspirada na arte de Diakité. O resultado final do trabalho pode ser exposto na escola.

ELABORAÇÃO DO GUIA CHANTAL CASTELLI, DOUTORA EM TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA PELA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FFLCH-USP); PREPARAÇÃO GRAZIELA R. S. COSTA PINTO; REVISÃO MARCIA MENIN E CARLA MELLO MOREIRA.